

por Vicente Nunes / vicentenunes.df@dabr.com.br

Um país de joelhos

A presidente Dilma Rousseff terminará seu primeiro mandato da pior forma possível, combinando uma crise política e uma crise econômica que podem comprometer seriamente os próximos quatro anos. A corrupção sem precedentes na Petrobras tem tudo para estreçalhar a já frágil base política da petista. Depois da penca de executivos de empreiteiras, a Polícia Federal deve levar para trás das grandes políticos de envergadura, que deram suporte ao PT nos últimos anos. Os riscos de a Operação Lava-Jato bater às portas do Palácio do Planalto são cada vez maiores.

O desmoronamento da Petrobras, empresa que já foi orgulho nacional, apesar de esperado, vem num momento excepcionalmente ruim para o governo. A inflação está há três meses acima do teto da meta de 6,5% e não cairá tão cedo. O Banco Central terá que pesar as mãos nos juros para conter o repasse da alta do dólar aos preços. Na área fiscal, há o primeiro deficit desde 1997. A atividade econômica parou. É cada vez maior a chance de o Produto Interno Bruto (PIB) fechar este ano com queda — alguns economistas falam em retração de até 0,5%. E ele, o desemprego, parece que finalmente chegou. Em outubro houve fechamento de mais de 30 mil vagas, o que não se via há 14 anos.

Em meio a esse quadro assustador, a insatisfação popular tende a se exacerbar. Dilma quase perdeu a reeleição por causa dos problemas da economia. Durante a campanha eleitoral, ela se apegou o quanto pôde aos baixos índices de desemprego.

Agora, porém, tudo indica que o impacto da recessão econômica bateu no mercado de trabalho, ou seja, as famílias que já andam incomodadas com a inflação alta e o superendividamento, terão de lidar com demissões em casa. Muitos eleitores acreditaram no discurso de que o governo faria das tripas coração para preservar o emprego.

Na verdade, nos últimos quatro anos, tudo o que fez o Palácio do Planalto foi criar as condições para o desemprego aumentar. Foram sucessivos erros na gestão da economia que, acumulados, estão cobrando seu preço. Dilma aceitou inflação mais alta apostando em crescimento maior, mas acabou minan-

do a capacidade do país de avançar. Ao insistir nesse caminho, destruiu a confiança do empresariado, que suspendeu os investimentos produtivos. A desconfiança se acentuou diante das maquiagens nas contas públicas. Para completar, interveio no mercado de energia, destruindo o caixa das companhias do setor. O Brasil só não está racionando energia porque os maiores consumidores, as indústrias, estão encolhendo e desligando as máquinas, devido aos elevados níveis de estoques.

Como afirmam os especialistas, Dilma desancorou a economia. Quer dizer: hoje, não se sabe qual é a taxa de inflação, não se sabe qual o dólar real, já que o Banco Central interveio com US\$ 100 bilhões no mercado, nem como estão as contas públicas. Por isso, a economia parou. E vai continuar assim por um bom tempo, pois não se vê nenhum sinal concreto por parte do governo de virar o jogo, de dar previsibilidade aos agentes econômicos.

É por essa razão que todos veem um 2015 desastroso. Mesmo que Dilma seja tomada pela humildade e escolha Henrique Meirelles, a quem ela detesta, para assumir o comando do Ministério da Fazenda, não haverá mudanças da noite para o dia. O governo terá que convencer empresários e investidores que realmente fará o que precisa ser feito para salvar a economia. A presidente precisa disso. Necessita que a economia lhe traga boas notícias, para poder enfrentar o turbilhão que a corrupção na Petrobras vai provocar no país. Não há como um chefe da República sobreviver por muito tempo simultaneamente com crise política e econômica. Como diz um policial federal, com a nova etapa da Operação Lava-Jato, "o dia do juízo final chegou". Tomara que Dilma tenha entendido o recado.

Em meio ao quadro assustador de corrupção, crescimento baixo e inflação alta, a insatisfação popular tende a aumentar e a fragilizar Dilma